

HIPERTEXTO E TECNOLOGIA: MAPA E NÃO DECALQUE

HYPertext AND TECNOLOGIA : CHART AND DID NOT DECALQUE

VILHA, Evaristo Ferreira¹
DAL MOLIN, Beatriz Helena²

RESUMO: Este artigo procura trazer à luz da discussão os conceitos de hipertexto, tecnologia e sociedade aprendente. Faz ponderações sobre a nova cultura trazida pelas inovações do movimento tecnológico; propõe reflexão sobre a escola que ainda faz uma prática pedagógica centrada em contextos sociais que não existem mais, e aponta para outro fazer pedagógico no qual as tecnologias de comunicação digital estejam presentes no dia-a-dia escolar, como atores do ato pedagógico e do processo de produção do conhecimento. Norteia-se essa discussão segundo o pensamento deleuziano, que traz à luz do conhecimento outra dimensão para o humano, que não deve ser visto como estrutura arborescente e fechada sobre si mesma, mas que adquire as virtudes do rizoma, aberto, multifacetado, bastante em conformidade com o espírito humano que é constituído por multiplicidades e outros potenciais desdobramentos, como que em platôs. Acredita-se no efeito materializador do hipertexto, pela representatividade do seu poder, e infinita riqueza que possui. Poder e riqueza inesgotáveis que se acumulam hoje à velocidade eletrônica, tal o aporte de saber que ele comporta em si, e que espraia pelo infinito do ciberespaço. E é sob a égide do pensamento deleuziano que se aponta para uma escola que não seja meramente reprodutora de decalques, mas que se configure em espaço onde o educando possa estender mapas de conhecimento que redundem em vida plena de sentido. Nesse intuito, propõe-se que tanto o hipertexto bem como a tecnologia, sejam presentificados no dia-a-dia do fazer pedagógico, de tal forma que a escola não mais seja vista como ambiente retrógrado e alheio aos avanços tecnológicos.

Palavras-chave: Hipertexto, Tecnologia, Sociedade Aprendente

Abstract: This article looks for to bring to the light of the quarrel the concepts of hypertext, technology and society aprendente. It makes balances on the new culture brought for the innovations of the technological movement; it considers reflection on the school that still makes one practical pedagogical one centered in social contexts that do not exist more, and points another one to make pedagogical in which the technologies of digital communication are gifts in the day-by-day pertaining to school one, as actors of the pedagogical act and the process of production of the

¹ Professor. Mestrado em Letras pela UNIOESTE, Campus de Cascavel. (0xx45) 3279-1204, Quatro Pontes, PR - 85940-000. Endereço Eletrônico: evilha@gmail.com – Página na Internet: <http://sonetosesonatas.blogspot.com>

² Professora do Colegiado de Letras da Universidade do Oeste do Paraná/UNIOESTE e do Mestrado em Letras, Área de concentração em Linguagem e Sociedade na disciplina: tecnologia, linguagens, conhecimento e aprendizagem. biabem@terra.com.br

knowledge. Quarrel guides this according to thought deleuziano, that brings to the light of the knowledge another dimension for the human being, who does not have to be seen as closed structure arborescent and on itself same, but that it acquires the virtues of rhizome, opened, multifaceted, sufficiently in compliance with the human spirit that is constituted by multiplicities and other potential unfoldings, as that in plateaus. It is given credit the materializador effect of hypertext, for the representation of its power, and infinite wealth that it possess. To be able and wealth inexhaustible that if they today accumulate to the electronic speed, such arrives in port it to know that it holds in itself, and that extend for the infinite of cyberspace. E is under aegis of the deleuziano thought that if points with respect to a school that is not mere reproductive of decals, but that if it configures in space where educating it can extend knowledge maps that result while still alive full of direction. In this intention, as much is considered that hypertext as well as the technology, is presents in day-by-day of pedagogical making, in such a way that the school more is not seen as surrounding other people's reactionary and to the technological advances.

Keywords: Hypertext, Technology, Leaner's Society.

1 Introdução

Este artigo procura esboçar outro fazer pedagógico a partir das considerações a respeito do hipertexto e das Tecnologias de Comunicação Digital, segundo o que postula Pierre Lévy a respeito desses engenhos escritos, sonoros ou imagéticos elaborados pelo homem. Persegue o intento de trazer para discussão, o uso assíduo e adequado das tecnologias e do hipertexto no ambiente pedagógico, de tal forma que a escola se transforme em uma sociedade aprendente, isto é, que o fazer pedagógico seja amalgamado com o movimento dinâmico da tecnologia e conseqüentemente da vida, pois hoje em dia é preciso que formemos homens capazes de administrar a imensa gama de informações presentes no ciberespaço e transformá-las em conhecimento útil a uma vida melhor aqui e agora.

Para falar de sociedade aprendente recorreremos, mais adiante, aos postulados de Hugo Assmann.

Norteia-se essa discussão segundo o pensamento deleuziano, que traz à luz do conhecimento outra dimensão para o humano, que não deve ser visto como estrutura arborescente e fechada sobre si mesma, mas que adquire as virtudes do rizoma, aberto, multifacetado, bastante em

conformidade com o espírito humano que é constituído por multiplicidades e outros potenciais desdobramentos, como que em platôs.

Embasando-se no pensamento dos autores citados, procurar-se-á dar sustentação à proposta do esboço de uma escola diferente da que ainda resiste às mudanças, às culturas tecnológicas, e à aceitação de que a sociedade moderna é uma instituição aprendente que já não aceita estruturas de ensino produzidas em um contexto passado que não tem mais acolhida no movimento que ora se instaura.

2 Hipertexto

Saramago (2006:251), em sua obra metafórica *A jangada de pedra*, diz que

... uma palavra, quando dita, dura mais que o som e os sons que a formaram, fica por aí, invisível e inaudível para poder guardar o seu próprio segredo, uma espécie de semente oculta debaixo da terra, que germina longe dos olhos, até que de repente afasta o torrão e aparece à luz, um talo enrolado, uma folha amarrotada que lentamente se desdobra.

Essa é a representação do que seja o hipertexto, tanto faz se manifestado pela escrita, por imagens ou por sons. Ele traz, como essência, um poder germinativo que lembra o rizoma. Muitos dos antigos códices traziam a virtude hipertextual, uma vez que admitiam que se fizessem apontamentos e adendos ao longo do texto nas páginas assim ordenadas que, em transcrição posterior, ampliavam o conhecimento ali contido.

Então temos que “o hipertexto é talvez uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que *significações* estejam em jogo” (LÉVY 2004:25), o que torna o hipertexto algo inquietante, uma vez que ele é uma estrutura infinita, virtual na sua essência, intotalizável, em “palavras, frases, letras, sinais ou caretas interpretam, cada um à sua maneira, a rede das mensagens anteriores e tentam influir sobre o significado das mensagens futuras.” (LÉVY, 2004:22)

Criado pelas linguagens componentes do hipertexto, o homem é um ser multidimensional praticamente alcançado por todos os conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo de toda a sua trajetória histórica, sendo que o todo do conhecimento humano é componente e componível no e pelo hipertexto. Portanto,

A metáfora do hipertexto dá conta da estrutura indefinidamente recursiva do sentido, pois já que ele conecta palavras e frases cujos significados remetem-se uns aos outros, dialogam e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso,

um texto já é sempre um hipertexto, uma rede de associações. O vocábulo “texto”, etimologicamente, contém a antiga técnica feminina de tecer. E talvez o fato deste tricô de verbos e nomes, através do qual tentamos reter o sentido, ser designado por um termo quase têxtil não seja uma coincidência. (LÉVY, 2004:73)

3 Sociedade Aprendente

O termo aprendente, segundo Assmann (1998), surgiu nos anos 1980/90 na esteira das teorias gerenciais e referia-se ao contexto complexo das inter-relações humanas, incluindo as que ocorrem entre seres humanos e máquinas “inteligentes”, em empresas tecnicamente sofisticadas. Também são chamadas, em termos gerais, de organizações aprendentes, aquelas nas quais os agentes envolvidos têm a capacidade de aumentar seu potencial criador, quer no nível individual, quer no âmbito da coletividade, aumentando sua capacidade de produzir resultados pré-programados, no caso das técnicas e tecnologias, ou atingir objetivos aos quais estão efetivamente voltados, no caso dos sistemas humanos. Frisa ainda Assmann que é de capital importância saber que das premissas básicas do conceito de organização aprendente fazem parte a criatividade individual e coletiva capaz de inventar e assumir mudanças. No que tange aos sistemas cognitivos aprendentes nos quais os agentes humanos são os fatores preponderantes, distinguem-se três tipos de organizações aprendentes, cada uma tendo premissas básicas que são em parte coincidentes e em parte diferentes, a saber: organizações aprendentes pequenas e médias, macro organizações aprendentes e organizações aprendentes híbridas.

Isso posto, temos que a construção do conhecimento ocorre no metro quadrado de cada indivíduo em intensa interatividade com o outro, e parte da história e da singularidade de cada um dos envolvidos nesse processo, cada qual com a sua velocidade, com o seu modo de ser. Assim, a junção de singularidades diversas e de interesses variados, constituirá as linhas que fomentarão a busca pelo saber numa seqüência de pequenos acontecimentos que, por certo, irão culminar na apropriação de um Saber amplificado a dimensões imprevistas. As linhas que constituem o rizoma são assim, elas se entrecruzam, se enlaçam, lançam ramificações lineares, espiraladas, pivotantes, quase imprevisíveis, tal qual se processa nos atuais meios de comunicação, via imensa que leva ao

mundo Aprendente da atualidade, sustentado que é pela massiva presença das Tecnologias de Comunicação Digital.

Sendo assim, o Acontecimento da Aprendizagem deve dar outro significado para as linguagens no espaço escolar. Compreende-se que a constituição plena de cada indivíduo se processa por aquilo que ele sabe, e que o mesmo é gerado pelos seus próprios acontecimentos lingüísticos, num processo também rizomático, de desdobramentos, que coabitam com as suas multiplicidades por toda a sua existência.

A aprendizagem é um processo que se identifica com o conceito de rizoma, pivotante por excelência. Postula-se aqui, portanto, o rompimento com um fazer pedagógico que aparenta não ter se apercebido que hoje se exige uma escola que seja um porto de partida para viagens planetárias pelas malhas da rede mundial, pois, o saber da atualidade também se acha fora da sala de aula, no imenso espaço virtual, não mais apenas no espaço circundante do quadro negro ou fechado da biblioteca, mas na velocidade da luz que irradia de todos os écrans, luminosos portais para o ciberespaço e para o hipertexto.

Estas considerações resultam de uma inquietação que visa impulsionar uma tentativa de traçar outras rotas para o fazer pedagógico que apresente conceitos para a relação existente entre ensinar e aprender que, de alguma forma se interponha à rigidez e sisudez dos modos de ensino ainda praticados, dissonantes no ponto de vista aqui defendido, e das exigências de um mundo submerso nas águas de um dilúvio flutuante e desafiador das tecnológicas, que erodiram as faces do mundo e transformaram a sociedade humana em suas relações com o Saber.

4 Tecnologia

Ao forjar metais e o ferro na busca incessante pela mediação da tecnologia para a saga de estender os seus domínios sobre todos os quadrantes da terra, dos mares e dos ares, o homem rabiscou, para sempre, a cartografia da sua evolução, que já se inscreve no espaço estriado entre os astros. As forjas, apenas esboços das múltiplas tecnologias criadas pelo homem.

Usando de tudo o que a ciência lhe permitiu apropriar, sulcou a terra e nela plantou sementes de uma nova vida que não mais lhe exigia percorrer o mundo apenas pela causa da sobrevivência; se o fez a partir daí, é porque seguiu impulsos outros como que inquietante alavanca que o fez mudar a face da Terra, agregando à sua existência as impressionantes tecnologias engendradas por seu espírito criativo. A ciência lhe deu meios para transpor os mares e levar as

sementes da sua própria existência para outros horizontes nem sempre descortináveis diante dos seus olhos; e um dia ousou apropriar-se dos ares qual Dédalo e Ícaro, e hoje, pelos imensuráveis feitos que a tecnologia lhe proporcionou, vai longe, até mesmo na direção de outros mundos cósmicos. E tudo isso fez do homem uma indescritível, indecifrável máquina do saber.

Uma das mais impressionantes criações humana, talvez seja o ciberespaço, tornado possível pela rede mundial de computadores, rizoma que levará a semente humana para diversos e imprevisíveis horizontes. Pelo macro universo permitido pela virtualidade, o homem moderno torna-se um deus, suplantando enormemente a plêiade de deuses das mitologias antigas.

Está ao alcance de qualquer indivíduo que domine minimamente as tecnologias que permitem dar vida ao virtual, ter o poder de eliminar o impossível, e até mesmo banalizar o milagre, pôr por terra quase que a totalidade dos mistérios todos. Temos, então, que praticamente tudo o que é engendrado, imaginado pelo espírito humano, pode tornar-se “realidade” pelo virtual, tal qual os deuses do Olimpo, que ganharam corpo e vida na cultura grega.

Assim posto, o ciberespaço seria a virtualização da realidade, num processo migratório da realidade das coisas para a interatividade virtual. É o tráfego que se vê nas linhas de fuga, preconizadas por Deleuze (2006) como desterritorialização. Há aí, um paralelismo de dois universos: por um lado o universo físico com o qual o homem se relaciona e nele interage através dos seus sentidos, e outro que extrapola o físico, o natural e, portanto, ao próprio homem, mas que reproduz indefinidamente o mundo real. Segundo esse princípio, coisas, seres, cidades, estados e até mundos existiriam na sua essência, sem serem reais, mas que conservariam todas as características existentes na realidade. É a saga da abstração conseguida pela mente do homem.

O tempo pontual não anunciaria o fim da aventura humana, mas sim sua entrada em um ritmo novo que não seria mais o da história. Seria um retorno ao devir sem vestígios, inassinalável, das sociedades sem escrita? Mas enquanto que o primeiro devir fluía de uma fonte imemorial, o segundo parece engendrar a si mesmo instantaneamente, brotando das simulações, dos programas e do fluxo inesgotável dos dados digitais. O devir da oralidade parecia ser imóvel, o da informática deixa crer que vai muito depressa, ainda que não queira saber de onde vem e para onde vai. Ele *é* a velocidade.” (LÉVY, 2004:115)

Temos então que apesar dos avanços verificados no âmbito da tecnologia, num curto espaço de tempo, e talvez por isso mesmo, é possível ainda de serem encontrados nichos de humanidade que ainda vivem num estágio próximo àquele de milênios atrás, para os quais existe apenas o mundo físico, excluído daí o que lhes trouxe o raciocínio mítico e místico, e que ainda é

aquilo que pode ser tocado pelas mãos, e percebido pelos demais sentidos. Todavia, o ponto crucial da atualidade é mesmo a velocidade com que as coisas acontecem, e essa velocidade parece estar em processo de aceleração continuada, pois, tudo é relativo e fugaz.

Não há aí motivo para espantos. A humanidade sempre se desenvolveu entre dois mundos; entre aquele transgressor das muitas “verdades”, galgando lanços rumo ao futuro, pois que na direção deste atira cordas e ganchos, pelo pensamento; e aquele retrógrado, conformado a determinadas “realidades” temerosas do novo, que ainda conservaria na alma humana o espaço e odores das cavernas. Entre esses dois nichos encontra-se a grande maioria dos humanos.

Basta, então, voltar um olhar para o livro da história, para perceber qual dos nichos arrastou consigo a humanidade: certamente aquele que seguiu as impulsões rumo a mundos novos. O século XXI é um continente novo que procurará ser a pátria de todos os homens que queiram pisar e cultivar o fértil solo das tecnologias, da interatividade, da virtualidade, na re-construção de outro homem do qual não se ousa esboçar minimamente a configuração.

5 Repensando a Escola

O homem contemporâneo está diante de uma desafiadora encruzilhada.

Se aos sábios verdadeiros de idos tempos restava a incerteza das coisas, ao homem deste início do século XXI, cabe conviver com a celeridade e com a certeza de que praticamente todas as verdades estão longe de serem explicadas.

Nesse emaranhado de fios de incertezas está o fio da escola. Seria esse fio, ainda, o fio de Teseu moderno que arrastaria o homem contemporâneo rumo ao mundo aprendente trazido pelos labirintos e desafios tecnológicos? A escola, tal qual ainda persiste acontecer, que sobreviverá, e até quando? São estas questões cruciais que devem ser respondidas, não mais como discursos de oráculos que crêem transportarem verdades, mas que sufocam a escola, quando não a amordaçam.

A cultura, e toda a sua complexidade contextual resultam do homem, e, ao mesmo tempo, transforma-o na medida em que avança o tempo cronológico e agrega na história humana as novas tecnologias e as mudanças psico-sociais. Faz-se oportuno traçar linhas conceituais sobre essa marca que impregna os indivíduos na sua singularidade e as interferências que ela opera nas suas relações com o meio físico e social.

Por cultura podemos entender as complexidades comportamentais que identificam indivíduos e grupos sociais nas suas relações com os mitos e o místico, e se constituem da marca

registrada das suas crenças e valores, tanto físicos quanto espirituais que são transmitidos coletivamente, pelo esforço na manutenção ou aprimoramento de todos esses valores. A cultura identifica civilizações e está sustentada pelos indivíduos que as constituem, ou que com elas interagem.

Com os avanços na tecnologia digital, rapidamente, e cada vez em maior escala, a cultura humana trafegou dos veículos já tradicionais, para o ciberespaço, vindo em constituir-se na cibercultura, que opera não mais apenas em pequenos grupos, segmentos, nações e povos, mas se desdobra a todos os meridianos globais. Esse fato praticamente extingue o homem ante e pré- tecnologia digital. Assim vemos que:

A cibercultura expressa uma mutação fundamental da essência mesma da cultura. Produz-se uma emergência de uma nova universalidade, esta é diferente das formas culturais universais anteriores. Esta universalidade se constrói sobre a indeterminação de um sentido global, universalidade por interconexão. Tende a manter sua indeterminação. Produz uma organização e uma metamorfose constante. Mutação cultural vinculada à troca do sistema de comunicação. (LÉVY, 2001:123)

Uma das máquinas mais ágeis geradas pela tecnologia é o computador, sendo este justamente aquela e daquela máquina da qual gerou a velocidade das coisas, impressionante característica da cibercultura na qual tudo se reveste de velocidades. No computador cabe o mundo real sob a forma do hipertexto que agrega em si não só a linguagem escrita, mas também a sonora e a das imagens, além de propiciar verdadeiros universos virtuais que existem somente nas memórias dos computadores. Então, o hipertexto, aliado à dinâmica permitida pela tecnologia digital eleva a potencialidade de qualquer indivíduo ser ator e autor nessa modalidade de apreensão do conhecimento. Nele, o homem da atualidade constrói e transfere saberes mediados pela linguagem falada, escrita, icônica, por sonoridade, tudo ao seu alcance imediato, pelo écran de um computador.

Mais que conceituar o hipertexto, pretende-se construir em torno dele uma aura que demonstre sua importância dando-lhe o merecido lugar na escola, pois assim como não mais é possível conceber uma civilização destes novos tempos, sem a televisão, o celular, o computador, e demais produtos da tecnologia inseridos na cartografia do homem da atualidade, não se concebe uma escola que não leia ou não produza hipertexto pela mídia computacional.

Corroborado o que se diz:

O que significa para a Escola funcionar ocultando uma realidade totalmente concernente a mais da metade das crianças, e que está na espreita da metade das outras, assim que estas tiverem alguns anos a mais? Que Escola é essa que pretende

educar as crianças como se no meio em que elas vivem não existisse a tecnologia computacional? Inversamente, como e para quem funcionaria uma Escola que se abrisse à realidade que as crianças vivem? (FOUCAMBERT, 1994:98)

É da tecnologia que, amalgamada ao cotidiano do homem da atualidade, sente-se falta no cotidiano da maioria das nossas escolas; e de nelas também provocar uma revolução causada por seus quase indefiníveis desdobramentos, pois que esta revolução deve ser compreendida como transformação; e se o meio escolar se transforma, por certo transformará quem dele tome parte.

Propõe-se reflexão, mas também ação ainda que de forma indireta através de ressignificações para a linguagem no espaço escolar, e suas implicações para se traçar outros mapas para a leitura e escrita de textos. Ao se fazer esta proposta para a reflexão e ação, julga-se que o momento da história humana exige que se traga para a escola a tecnologia que faculta uma forma mais integrada de produção que possa engendrar conhecimentos e açambarcar uma maior gama de indivíduos que simultaneamente se construam como seres integrais e sujeitos cidadãos.

Entende-se, também, que já não é sem tempo que um fazer revolucionário brote no âmago da escola, e não fique apenas nos limites da dependência do poder público que nem sempre tem como prioridades à séria e compromissada missão de formar cidadãos plenos.

Por outras palavras, reforçando o que aqui se diz:

O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo. (MORIN, 2001:30)

Diante de tudo o que até aqui foi exposto, afirma-se a necessidade não só da reflexão, mas de efetivas ações para a escola e o processo de aprendizagem. E quando se fala em repensar, não o faz no sentido de apenas refletir, mas no sentido de se construir uma efetiva ação sobre a realidade para o processo da aprendizagem que deve se preocupar, e ocupar, com os elementos físicos que compõem o ambiente escolar, mas também ir em busca do imaterial do ciberespaço e da virtualidade do hipertexto, pois entende-se serem esses elementos estruturantes de um fazer educativo que se reveste da maior importância, para a constituição do homem deste milênio.

Acredita-se no efeito materializador do hipertexto, pela representatividade do seu poder, e infinita riqueza que possui. Poder e riqueza inesgotáveis que se acumulam hoje à velocidade eletrônica, tal o aporte de saber que ele comporta em si, e que espraia pelo infinito do ciberespaço.

No entendimento que aqui se dá, os mecanismos oferecidos pela rede mundial de computadores já deveriam ter sido assimilados pela escola, com a quase mesma urgência com que as coisas hodiernamente acontecem, pois

A interação do suporte da informática, com as imagens estáticas ou em movimento, e a capacidade de interagir garantem que as emulações, a busca de informação ou o trabalho de sistematização sejam cada vez mais ricos. Ter à nossa disposição bancos de dados de fácil acesso, com informações escritas, com imagens estáticas ou em movimento, constitui um suporte inestimável para a complexa tarefa de ensinar. (ZABALA, 1998:185-186)

A preocupação em buscar outras vias para aquisição de conhecimentos, pelas vias ainda ofertadas pela escola, se prendeu ao fato irreversível de que a face do mundo mudou, erodida pelas ondas do dilúvio tecnológico, e pelo fato lamentável de que a maioria das escolas ainda preserva as mesmas faces de algumas décadas atrás, não mais familiares a um contexto que muda vertiginosamente.

5 Conclusão

É possível que a sociedade contemporânea viva um momento em que os ventos tecnológicos sejam seletivos, transformando em escombros quase inúteis tudo aquilo que não vá na direção em que soprem.

Portanto, tem-se como temerária a atitude de uma escola que não mude o seu curso na direção dos horizontes descortinados pelas tecnologias; que não adote no seu fazer pedagógico os atores tecnológicos que engolfam os seus alunos já a partir dos seus quase primeiros balbucios.

A criança, hoje, cada vez mais é seduzida pelo universo tecnológico do qual ela se torna cidadã. Nascendo com, e pelo novo, ela é parte integrante desse outro universo.

Desse choque de culturas – daquela que ainda tem laços firmes com um fazer pedagógico ultrapassado, com a nova cultura trazida pelo ciberespaço – resultam os desencantos que se verifica entre as crianças, adolescentes e jovens que freqüentam as escolas que ainda fazem o decalque de um ensino que não mais encanta ninguém. Portanto, se a escola quiser continuar sendo a gestora da produção de conhecimento, precisa, velozmente, pensar e repensar o seu modo de agir, inserindo-se o mais profundamente possível no atual contexto tecnológico.

6 Referências Bibliográficas

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação: Rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DAL MOLIN, Beatriz Helena. **Do Tear a tela: uma tessitura de linguagens e sentido para o processo de aprendizagem**. Florianópolis, UFSC, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. 4ª reimpressão: São Paulo: Editora 34, Coleção Trans, v. 1, 2006.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. 13ª reimpressão, Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 224p.